

# O tal 'bonde da História'

Cláudio Salm  
e Azuete Fogaça \*

Assim como no início dos anos 70 o governo não estava entendendo nada quanto às necessidades educacionais da época (tentou tornar universal e obrigatória a profissionalização ao nível do 2º Grau), continua, vinte anos depois, desfocado das prioridades no que se refere à formação de Recursos Humanos. Com o agravante de que hoje a informação circula livremente e já não estamos na ditadura que inibia o debate e permitia à tecnocracia ignorar as opiniões dominantes.

O que os empresários mais inovadores já perceberam, simplesmente não penetra nas cabeças dos técnicos do governo que ocupam postos nas áreas de promoção da capacitação tecnológica de nossas empresas.

A atual Revolução Tecnológica impõe transformações profundas na estrutura ocupacional e os países que não souberem preparar sua mão-de-obra para as novas exigências não terão a menor chance de absorver e difundir as novas técnicas de automação e de organização industrial. Por isso, embora seja cansativo escrever sobre o óbvio, é importante lembrar aos nossos planejadores alguns aspectos fundamentais do novo padrão tecnológico.

Ao contrário do que eles pensam os grandes impactos das Novas Tecnologias e das novas formas de organizar a produção incidem sobre o *trabalhador direto* e não tanto sobre o

pessoal de nível superior que ocupa altas posições gerenciais, técnicas ou administrativas. Estes serão também afetados, mas principalmente no sentido de que terão que rever suas atitudes diante da nova situação. Para usar uma observação correta de Helelu Hirata, que sabe do assunto, serão afetados basicamente na *arrogância* e no *distanciamento* que caracterizam suas relações com nossos trabalhadores e técnicos.

Enquanto os formuladores de políticas científica e tecnológica estão preocupados em estabelecer metas (fantasias?) de formação de mestres e doutores, o grande entrave da nossa modernização industrial está ao nível dos trabalhadores e técnicos diretamente envolvidos com a operação dos novos sistemas. Não que não seja importante formar pessoal para P&D. Apenas que já não há grandes mistérios aqui quanto ao *que* e ao *como* fazer. É mais uma questão de dinheiro.

O grave na questão é que em relação aos trabalhadores diretos, o que pretendem nossos "modernizadores" constitui um verdadeiro atentado ao que já é senso comum, porque contrária, no essencial, aquilo que se constata nos países mais dinâmicos

do ponto de vista da difusão das inovações. Estes já perceberam que as disciplinas instrumentais são agora secundárias na formação do novo trabalhador e que o que realmente importa é universalizar e melhorar a educação básica e média em seus conteúdos GERAIS: língua materna, outras línguas, artes, matemática, ciências, história, geografia, etc.

Mas a nossa tecnocracia busca, atabalhoadamente, "novos currículos" ou "métodos", tais como dotar as escolas de equipamentos eletrônicos, como se existissem atalhos milagrosos ou como se já não tivéssemos fliperamas por toda parte.

Não entendem que a grande novidade é que o trabalhador para ter um bom desempenho na produção automatizada com base na microeletrônica, deve possuir capacidade para pensar, improvisar, se comunicar bem e participar das decisões de forma radicalmente superior ao que era exigido do trabalhador qualificado do Fordismo. E tal desempenho não se logra com uma força de trabalho que, em média, não chega a ter quatro anos de escolaridade e com um 2º Grau que atende, predominantemente mal, a apenas um terço dos jovens. Itália e Coréia, dois exemplos

que impressionam o mundo pela competitividade alcançada por suas indústrias, foram capazes de dar o salto tecnológico principalmente porque souberam reverter, em curto espaço de tempo, um quadro educacional semelhante ao nosso.

É verdade que para os semiqualficados, os trabalhadores de linha de montagem e operadores das máquinas que vão ficando obsoletas, existem os conhecidos e eficazes métodos de *adestramento*, nos quais, aliás, somos mestres. Só que, felizmente ou infelizmente, os espaços ocupacionais para esses trabalhadores, que são hoje a esmagadora maioria, tendem a se estreitar drasticamente. Felizmente, porque podemos estar no limiar da superação do trabalho como "castigo". Infelizmente, porque se não soubermos adequar nossa mão-de-obra ao novo Sistema Produtivo, vamos criar uma *massa marginal* de proporção jamais imaginada sequer pelos teóricos mais pessimistas do dualismo estrutural.

Com retomada do crescimento ou não, com ou sem reservas de mercado, com mais ou menos Phillips, só conseguiremos embarcar no tal "bonde da história" se pudermos oferecer a todos um ensino capaz de transmitir os conteúdos da velha Educação Geral.

Em síntese, trata-se de salvar nossa rede pública de ensino de 1º e 2º Graus. Todo o resto é acessório, desfocado do essencial e mais fácil de resolver.

\* Professores do Instituto de Economia Industrial e da Sub-Reitoria da Desenvolvimento e Extensão da UFPA